

Meio século de um ano definitivo

Personagens lembram a realidade brasileira em 1968, quando protestos estudantis na França tiveram reflexos em todo o mundo

SANDRO THADEU
DA REDAÇÃO

Os protestos estudantis na França para reivindicar mudanças no setor educacional, em maio de 1968, trouxeram à tona a força dos jovens. Essa energia contagiou os cidadãos e resultou em uma greve geral que balançou o governo do presidente Charles De Gaulle.

Esse fato histórico representou o ápice de uma série de acontecimentos que inquietavam a sociedade como um todo, a exemplo da criação das leis que resultaram no apartheid (regime de segregação racial), na África do Sul, do assassinato do pastor evangélico negro Martin Luther King, nos EUA, e o programa de reformas políticas na antiga Tchecoslováquia (a chamada Primavera de Praga).

O Brasil vivia uma ditadura militar havia quatro anos. A falta de liberdade e os problemas registrados no País, aliados aos acontecimentos externos, contribuíram para o povo sair às ruas contra o regime, segundo pessoas que viveram intensamente aquele período.

Em Santos, não foi diferente. Em 5 de julho de 1968, o Município registrou a maior mobilização contra os militares, que teve a participação de políticos, secundaristas e universitários. A resposta a protestos desse tipo veio com força, com a instauração, em 13 de dezembro daquele ano, do Ato Institucional no 5 (AI-5), que suprimiu as liberdades democráticas no Brasil.

Deputado federal em 1968, o advogado Gastone Righi entende que, no fim da década de 1960, a sociedade começou a acordar para uma realidade técnico-científica muito avançada. Entretanto, as estruturas sociais e políticas permaneceram iguais. Esse conflito provocou um clima de erupção em todo o mundo.

"A repercussão dos movimentos que ocorreram na Eu-

ropa foi muito acentuada e direta na intelectualidade brasileira, que plantou uma semente muito poderosa que veio a surgir anos mais tarde. Naqueles países, o objetivo de avançar na democracia foi alcançado, enquanto no Brasil ocorreu ao contrário. Quem fazia oposição ao regime ditatorial ganhou alguns elementos para sustentar nossa posição, mas não a força popular para mudar o quadro", justifica.

LUTA PELA LIBERDADE

Para o ex-deputado estadual, médico e integrante da diretoria da Associação Universitária da Baixada Santista (Aubs) naquele ano, Fausto Figueira, os movimentos de 1968 foram importantes para contagiar pessoas que se dispuseram a construir um mundo novo e criar um movimento de resistência.

Ele recorda que, naquele ano, houve uma mobilização grande para a libertação do presidente da Aubs, Clóvis Rodrigues Matta, e do presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Max Ordenez Fernandes de Souza, que foram detidos, no bairro Campo Grande, em 1º de novembro de 1968, com alguns vidros de ácido muriático e amônia.

Os materiais não provocavam explosões, ao contrário do imaginado pelas autoridades. Ambos foram soltos em 4 de dezembro. "Eles ficaram presos por alguns dias no quartel da Polícia Militar. A Cidade inteira estava com pichações pedindo a liberdade deles", relembra.

Naquele ocasião, vigílias e pedidos foram feitos por estudantes de Direito, Medicina e Filosofia para arrecadar fundos para pagar o advogado de ambos. Até mesmo a quantia em dinheiro recebida por João José Sadi e Luiz Carlos Godoi, vencedores do 1º Festival de Música da Baixada, foi doada para essa finalidade.



Cinco de julho de 1968: Santos sediou protesto pela democracia que teve estudantes e políticos à frente...



... e motivou a ditadura a, naquela mesma noite, proibir atos do gênero no Brasil; o regime endureceria

TESTEMUNHAS

"Acho que os nossos protestos em 1968 não estavam relacionados ao que ocorreu na França, mas eram uma consequência direta de tudo que vinha ocorrendo em nosso País e em nossa Cidade desde 1964"
Sérgio Sá
Advogado

"Acredito que aquele movimento libertário, que ensaiava ser o início de uma revolução mundial, teve um significado muito grande e causou uma consequência muito positiva na luta de resistência contra a ditadura"
Fausto Figueira
Médico e ex-deputado estadual

"A influência francesa ocorreu do ponto de vista ideológico, mas não foi o fator principal e alimentou algo que já estava em efervescência. Os protestos realizados no Brasil a partir de 2013 promoveram a ascensão dos conceitos profascistas e de grupos que ameaçam a democracia"
Luiz Celso Manço
Psicólogo e ex-vice-presidente da União Estadual dos Estudantes

"Existia uma ideologia romântica da juventude em busca de mudanças, mas sem muito conteúdo ideológico. Aquele levante dos jovens (na França) foi algo tão inesperado e extemporâneo quanto os protestos de 2013 no Brasil"
Sérgio Servaldo da Cunha
Advogado e ex-professor de Direito

Um casal unido pela democracia Polícia reprimia atos estudantis

■ O casal de advogados Sérgio Luiz Amorim de Sá e Tânia Machado de Sá militou junto no movimento estudantil. Os dois cursavam a Faculdade de Direito da Sociedade Visconde de São Leopoldo (atual Universidade Católica de Santos, UniSantos), no final da década de 1960.

Ele entende que as mobilizações da França tinham reivindicações mais restritas a questões acadêmicas e começou-se a formar uma "verdadeira colcha de retalhos" com a presença de trabalhadores.

"Acredito que aquele fenômeno foi semelhante ao que ocorreu no Brasil, em 2013. A insatisfação do movimento estudantil era crescente a partir de 1964, com o cerceamento de liberdade e outras restrições. Em 1968, a coisa estava fervendo, mas tínhamos a possibilidade de fazer manifestações e passeatas, o que não foi mais possível a partir do AI-5", destaca o jurista.

Para Tânia, a Faculdade de Direito foi palco de muitos debates e manifestações por conta da natureza da atuação dos advogados, o que seria inviável em regimes totalitários. Mobilizações e atividades culturais também tiveram a participação de estudantes de Filosofia e Jornalismo.

Ambos guardam até hoje fotografias das reuniões em restaurantes e alguns recortes de jornais das passeatas de que participaram naquele período. Alguns das quais contam



Sérgio e Tânia guardam fotos de reuniões para organizar passeatas

com a presença de várias lideranças políticas, como os futuros ex-governadores Mario Covas e Franco Montoro, o futuro prefeito eleito de Santos e então deputado estadual Esmeraldo Tarquinio e o parlamentar federal Ulysses Guimarães

(todos falecidos). "Ajudamos a organizar em Santos uma das últimas passeatas antes do AI-5. A coisa não era brincadeira, como muitos imaginam. Realmente, após o AI-5, a situação ficou mais complicada", afirma Tânia.

■ O psicólogo e então vice-presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE) para a região Norte, Luiz Celso Manço, morava em Ribeirão Preto, em 1968. Ele relembra que, desde 1966, passeatas dos universitários e secundaristas eram realizadas, apesar da forte repressão policial.

"A mobilização do movimento estudantil já era forte. Uma das nossas maiores diversões era a leitura de livros de esquerda. O teatro e a música complementavam os nossos passatempos. Queríamos derrubar a ditadura e lutar pelo socialismo. O grande não era como fazer isso, o que rendeu horas e dias de discussão", ressalta ele, que milita até hoje no PCB.

Para o docente, a decisão de

radicalizar a repressão ocorreu após dois importantes episódios de 1968: o assassinato do estudante secundarista Edson Luis de Lima Souza, de 18 anos, que foi morto por PMs, em 28 de março; e a Passeata dos 100 Mil, realizada em 26 de junho, quando as ruas cariocas foram tomadas num protesto contra a ditadura.

"Os grupos revolucionários que pregavam a luta armada já estavam preparados e treinados para o pior, mas acreditava que a maioria das pessoas que defendiam a libertação do País não imaginava uma reação tão enérgica do Governo, que se concretizou com o AI-5", destaca ele, que lecionou no curso de Psicologia da UniSantos por 43 anos.

REVOLUÇÃO CUBANA

O advogado Sérgio Servaldo da Cunha acredita que os protestos da França serviram de estímulo para os jovens, mas as reivindicações não eram detalhadas naquele momento. Daí, entende que as mobilizações na Europa não tiveram efeito imediato no Brasil.

"Vejo que a Revolução Cubana teve grande influência por causa da proximidade da nossa cultura e da nossa relação com aquele país. Isso sem contar todo o romantismo de que se revestia aquele movimento. Eram heróis que preenchiam parte da imaginação dos jovens. O golpe militar veio para sepultar essas aspirações de uma virada na história do Brasil", ressalta.



Manço: "A maioria dos que defendiam libertação do País não imaginava reação tão enérgica do Governo"